

## EMIGRAÇÃO E IDENTIDADE CULTURAL

**PEREIRINHA RAMALHO \***

O termo identidade cultural, assentando fundamentalmente em dois conceitos que se interligam entre si - identidade e cultura -, assume, como seria de esperar, particular importância nos estudos feitos em sujeitos com experiência migratória.

O conceito de identidade tem essencialmente um significado psicológico, referindo-se à percepção que cada sujeito tem de si próprio, ou seja, à percepção que ele tem da sua própria existência, enquanto pessoa que se relaciona com outros indivíduos, com os quais forma um grupo social (Família, Associações, Igreja, Nação/País ...) (Perroti, 1986). Apesar de os termos com que normalmente é referenciado o conceito de identidade (o "Self" ou o "Self-concept" para os americanos; a consciência de si, a re-

apresentação de si, o conceito de si ou ainda a imagem de si para os investigadores europeus), apontarem sobretudo para os aspectos pessoais da mesma, a identidade não é apenas um fenómeno individual, comportando também aspectos que relevam da relação do sujeito com os outros, conferindo-lhe uma identidade própria, com continuidade no tempo e no espaço.

O conceito de "cultural" tem, pelo contrário, um significado essencialmente sociológico, remetendo-nos para a noção de cultura, concebida como o "*conjunto dialéctico dos patrimónios psíquicos experienciais dos indivíduos constituídos (através de relações socialmente integradas entre cada indivíduo e o seu ambiente social e ecológico) no quadro de uma sociedade historicamente*

---

\* Docente na ESE de Beja

*determinada*" (Bernardi, B., 1988, p.3). No seu sentido antropológico, a noção de cultura corresponde a uma estrutura complexa de conhecimentos, de códigos, de representações, de regras formais e informais, de modelos de comportamento, de valores, de interesses, de aspirações, de crenças, de mitos (Perroti, 1986), que se manifestam no indivíduo na prática de determinados comportamentos ligados à alimentação, aos hábitos de vestir, aos tipos de relações, à organização familiar e às práticas religiosas entre outras. São estas normas de comportamento, os valores sociais que lhes estão subjacentes que, conjuntamente com a língua, formam o património cultural do indivíduo, unindo ou diversificando os grupos humanos.

Falar da identidade cultural de um indivíduo é falar sobretudo da sua identidade global (onde se imbrica muitas vezes de forma inextricável o individual e o colectivo), construída através da relação do sujeito com o mundo. Neste processo sempre em devir, participa de forma privilegiada o mecanismo de identificação, que está na própria base da identidade do sujeito. Mais do que um mecanismo psicológico entre outros, o conceito de identificação, assumiu progressivamente um valor central na obra de Freud, tornando-se para este a operação pela qual o indivíduo se constitui. C.A. Dias define, conjuntamente com L. Grinberg, a identificação como "o

*conjunto de operações que determinam o processo de estruturação que ocorre dentro do self e que tem por base a selecção, inclusão e eliminação de elementos provenientes dos objectos externos, dos objectos internos e do self"* (Dias, C.A., 1988, p.26). A compreensão integral da definição de identificação passa ainda, de acordo com o mesmo autor, pela definição das diferentes identificações, decorrentes dos processos de externalização e de internalização que fundam a vida mental.

A identificação projectiva, conceito inicialmente descrito por M. Klein, é caracterizado como uma *"dissociação e projecção ulterior de partes do self (mas também, na patologia, dos objectos internos) no interior de objectos externos"* (Dias, C.A., 1988, p.28), numa tentativa de libertar o aparelho psíquico dessas partes que passariam a existir no interior do objecto externo. A identificação projectiva, por não se poder fazer no vácuo, encontrar-se-ia na base de grande parte dos mecanismos de interacção e de comunicação, subentendendo-se a partir da mesma toda a comunicação humana. Neste sentido, *"o sujeito, ao colocar partes de si (do self, afectos, objectos internos) no interior do outro espera ser compreendido, no que realmente sentiu"* (Dias, C.A., 1988, p.63-64), seja a nível mais superficial (simpatia), seja a nível mais profundo (empatia).

O conceito de identificação introjectiva, de cujo funcionamento, de

acordo com L. Grinberg e R. Grinberg (1984), depende a internalização e assimilação pelo eu das relações objectais que estão na base da consolidação do sentimento de identidade, é caracterizado por C.A. Dias (1988) de forma semelhante, construindo-se, também para ele, a experiência de identidade através de uma *"sequência contínua de identificações introjectivas que levam por isso a uma integração permanente dos diferentes aspectos da vida mental e consequente relação com os objectos"* (Dias, C.A., 1988, p.28) .

O indivíduo constrói-se assim pela relação, num processo contínuo de sucessivas identificações que constituem a base da sua identidade. Esta permite-lhe manter a sua estabilidade, o sentimento de continuar a ser o mesmo face às transformações e mudanças com que vai sendo confrontado ao longo da sua vida. Este sentimento de continuidade pode, porém, ser posto em causa, quando as mudanças são dificilmente suportáveis (desestruturantes). L. Grinberg e R. Grinberg (1984) questionam-se nomeadamente sobre o limite tolerável da mudança sem que a identidade seja irreparavelmente danificada. Acontecimentos que implicam mudanças muito significativas na vida de um indivíduo, como a emigração, podem converter-se para o mesmo em ameaças ao sentimento de identidade. Sendo o sentimento de identidade, na perspectiva dos mesmos autores, o

resultado de um processo de interacção contínua entre três vínculos de integração (integração espacial, integração temporal e integração social), é natural que os mesmos sejam, de um modo geral, afectados durante a emigração.

O vínculo de integração espacial compreenderia a relação das distintas partes do self entre si, incluindo a do self corporal, permitindo ao sujeito manter a sua coesão interna assim como o seu sentimento de individualização, comparando-se e diferenciando-se dos objectos e dos outros (não self).

O vínculo de integração temporal uniria as diferentes representações do self no tempo, estabelecendo uma continuidade entre elas, assegurando a base do sentimento de mesmidade e permitindo ao indivíduo continuar a sentir-se o mesmo, para além das transformações temporais.

O vínculo de integração social teria a ver com as relações que se estabelecem entre o self e os objectos, através dos mecanismos de identificação projectiva e introjectiva, conferindo ao sujeito o sentimento de pertença.

Durante a emigração, estes vínculos podem ser perturbados de uma forma mais ou menos significativa. disso dependendo o indivíduo em

si e as situações com que ele é confrontado. A este propósito, L. Grinberg e R. Grinberg (1984) referem que nos primeiros tempos da emigração o sujeito pode ser confrontado com estados de desorganização, de grau mais ou menos variável, que podem reactivar no recém chegado ansiedades muito primitivas, que podem ser de pânico, de medo de ser "devorado" ou de ser "despedaçado" pela nova cultura. Este tipo de vivências poderá ser despoletado pelo conflito existente entre o desejo de confundir-se com os outros, para não ser marginalizado, excluído, e o desejo de se diferenciar dos outros, para poder continuar a sentir-se o mesmo. As pessoas que se encontrem neste tipo de situação tenderão a questionar-se frequentemente sobre aspectos que estão directamente relacionados com o vínculo espacial (onde estou?, o que é que faço aqui?) , podendo mesmo haver, em casos extremos, sentimentos de estranheza em relação a eles próprios, como se não pudessem juntar de forma harmoniosa os diferentes pedaços da sua identidade, afectando assim, de forma mais ou menos profunda, o sentimento de individuação.

Os transtornos no vínculo temporal manifestam-se através das confusões que o sujeito faz entre as situações do passado e as do presente. Nas suas formas mais leves, expressam-se por lapsos contínuos, em que se denominam sítios e pessoas do

presente com nomes que correspondem a situações do passado. Em casos mais extremos, as recordações do passado poderão invadir todo o espaço psíquico do sujeito, indisponibilizando-o, assim, para novas aquisições que são, contudo, indispensáveis à sua integração.

O vínculo de integração social é, na perspectiva dos mesmos autores, aquele que é mais afectado pela emigração, pois é na relação do sujeito com o meio que ocorrem as maiores mudanças. O novo meio, desconhecido para o indivíduo e onde ele próprio é um desconhecido, a perda de determinados papéis que desempenhava na sua comunidade de origem (membro de um grupo familiar, membro de grupo profissional, político, de amigos...) podem suscitar no emigrante sentimentos de "não pertença" a qualquer grupo humano.

Para contrariar este tipo de transtornos, o emigrante, na sua luta pela auto-preservação, tem necessidade de se agarrar a diferentes elementos do seu ambiente nativo que, de certa forma, lhe permitem reencontrar-se com ele próprio, continuando, assim, a sentir-se o mesmo para além das mudanças com que ele vai sendo confrontado. É por isso que o emigrante traz com ele objectos familiares, ouve música folclórica, participa nas diversas actividades das associações, onde ele sente reviver determi-

nadas práticas culturais do seu país de origem. No caso da emigração portuguesa em França, esta situação é bem visível. Foram criadas ao longo dos anos inúmeras associações que têm servido como pontes de ligação a Portugal. Nelas, os portugueses têm podido encontrar um certo conforto afectivo, sentindo-se protegidos e reconhecidos num meio onde se encontram entre iguais. O mesmo não acontecerá, contudo, com os Emigrantes de 2ª geração, para quem o papel (ainda tradicional) desempenhado pelas associações deixou, de um modo geral, de fazer sentido.

Nesta linha de ideias, L. Grinberg e R. Grinberg (1984) referem que a arte, o artesanato, a música folclórica, bem como os objectos familiares (pequenas peças de adorno), permitem reforçar os três vínculos do seu sentimento de identidade (sentimento de individuação, sentimento de mesmidade e sentimento de pertença), podendo, contudo, revestirem-se de um certo perigo, no sentido em que, ocupando todo o espaço "físico-psíquico", impedem a incorporação do novo, vivendo apenas o sujeito em termos de passado.

Nem sempre a emigração tem uma função desestabilizadora sobre os sentimentos de identidade. A busca das suas origens, das raízes da sua identidade podem ser formas de o indivíduo se afirmar em termos iden-

titários, aceitando as perdas e elaborando os lutos que qualquer emigração implica. Só assim é que ele poderá integrar de maneira discriminada os dois países, os dois tempos, o grupo de antes e o de agora, o que irá dar lugar, no dizer de L. Grinberg e R. Grinberg (1984), à reorganização e consolidação do sentimento de identidade.

É comum nos estudos sobre a problemática migratória, sobretudo nos estudos sobre migrantes de segunda geração, que os mesmos sejam normalmente referenciados como situando-se numa zona de conflito cultural, divididos entre duas culturas, entre dois sistemas de valores. Para aqueles que têm uma visão pessimista do problema, os jovens migrantes encontram-se num beco sem saída, dilacerados entre a cultura de origem (que é, pensamos nós, cada vez mais apenas a cultura de origem dos pais) e a cultura do país de acolhimento (também para muitos, país natal), perdidos num conflito permanente entre o meio familiar - "o dentro" - e o meio social - "o fora" - , a escola , a rua ..., deixando de saber quem são e o que fazem. A este propósito é bem elucidativo o poema que de seguida transcrevemos:

*"Malheur à ceux qui sont déchirés entre  
deux cultures,  
car ils sont assis entre deux chaises!  
Malheur aux enfants métis,*

*car ils ne savent à quel sein se vouer!  
Malheur aux Français de fraîche date,  
car leur identité n'est pas encore fixée!  
Malheur aux jeunes bilingues,  
car jamais il ne maîtriseront aucune lan-  
gue!*

*Mais heureux ceux qui n'entendent par-  
ler qu'une seule langue,  
car la confusion ne les frappera pas!  
Heureux ceux qui sont Français depuis  
quatre générations (au moins),  
car ils ont des racines en abondance!  
Heureux ceux qui ont une identité pure,  
car l'acte unique ne les déboussolera pas!  
Heureux ceux qui n'ont qu'une seule cul-  
ture,  
car ils savent à quoi s'en tenir!"*  
(Verbun,G., 1989, p.3)

Se, para muitos, esta dupla referenciação é entendida enquanto fonte de mal estar para o imigrante, ela pode constituir, para outros, os fundamentos de uma nova cultura, singular, que se vai construindo com o tempo, não sendo nem cultura de origem nem cultura de acolhimento, mas mista, original, multicultural, que os estudiosos destes assuntos começam a chamar de cultura imigrada ou cultura migrante, embora não se saiba ainda muito bem, por enquanto, de que tipo de cultura se trata.

Não se pretende negar a existência de conflitos, que são bem reais e se estendem (felizmente a nosso ver) muito para além dos migrantes de 2ª geração, que os poderão vivenciar de

uma forma mais sentida. São os conflitos entre a tradição e a modernidade, que se expressam pela resistência à mudança, são os conflitos que, no dizer de G. Verbun (1989), opõem os homens e as mulheres, os ricos e pobres, os nacionais e os estrangeiros e que, apesar de terem aspectos negativos, são em muitos casos, autênticos dinamizadores sociais, verdadeiras fontes de mudança. A cultura única, a uniformidade de valores, o consenso e o monolinguismo são características (ainda hoje bem presentes nas nossas sociedades) das sociedades tradicionais, totalitárias, fechadas sobre elas próprias. Seria desejável que estas se fossem diluindo num mundo em mudança, em que as sociedades tendem, cada vez mais, para sociedades multi-culturais. Não parece, contudo, ser esta a tendência das sociedades europeias, onde cada vez mais se notam atitudes de xenofobia e de intolerância em relação a tudo o que é diferente.

Se o conflito cultural é, tal como refere G. Verbun (1989), normal e benéfico, ao ponto do mesmo dizer "*vive le conflit culturel!*", não é, porém, de esquecer que é necessário estar-se bem preparado para o poder vivenciar de forma positiva. Tal não parece ser, no entanto, o caso para muitos dos migrantes de 2ª geração que, marcados por problemas vários (insucesso escolar, deficiente formação profissional, discriminação social, dificuldades de emprego), sofrem paradoxalmente

do facto de se encontrarem numa situação "privilegiada" de múltiplas referências culturais.

## BIBLIOGRAFIA

BERNARDI, B. (1988) - **Introdução aos estudos etno-antropológicos**, Lisboa, Edições 70.

DIAS, C.A. (1988) - **Para uma psicanálise da relação**, Porto, Edições Afrontamento.

GRINBERG, L.; GRINBERG, R. (1984) - **Psicoanálisis de la emigración y del exilio**, Madrid, Alianza Editorial.

PERROTI, A. (1986) - Migration et société em Europe: les mutations récentes et leurs conséquences éducatives et culturelles, **DECS/EGT (86) 6 déf.**, Strasbourg, pp. 21-75.

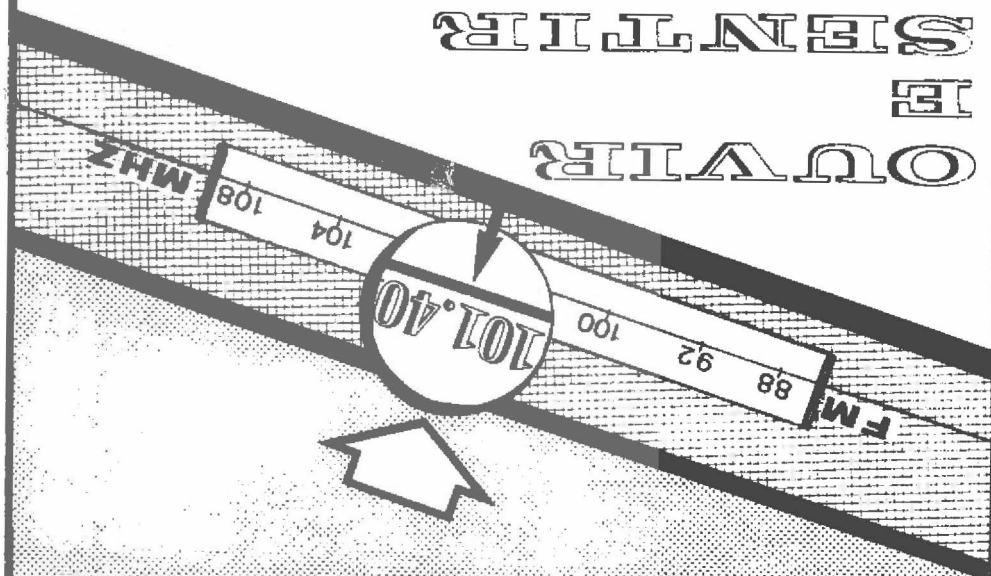
VERBUN, G. (1989) - Vive le conflit culturel!, **Hommes et Migrations**, nº1125, pp. 3-4.

**ALLENTEJO**

**SENTER**

**E**

**OUVIR**



**RADIO PAX**

